

PACHECO, Diogo. O espetáculo surpreendeu. O Estado de São Paulo, São Paulo, 19 mar. 1970.

O espetáculo surpreendeu

DIOGO PACHECO
Enviado especial

As notícias que divulgavam a apresentação da ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes, em Campinas, falavam de renovação, de uma experiência nova, da contratação do diretor de teatro Silney Siqueira e do cenógrafo Geraldo Juergensen, para a montagem. O prefeito de Campinas, Orestes Quercia, dois dias antes da estreia, dizia com segurança que ia ser um grande espetáculo, que a Prefeitura tinha reformado um cinema em trinta dias e o transformado em teatro. As pessoas liam as notas dos jornais e ouviam as palavras do prefeito, mas nunca poderiam imaginar que anteontem, em Campinas, seria visto o melhor espetáculo de ópera já montado no Brasil.

A surpresa começava logo à entrada do Teatro Castro Mendes, que, embora adaptado em apenas um mês, num regime de trabalho de 24 horas por dia, foi decorado com muito bom gosto pelo arquiteto Geraldo Juergensen, que se responsabilizou também pelos cenários e figurinos da ópera. "Perdi doze quilos com essa brincadeira", dizia Geraldo no primeiro intervalo da ópera, mas o trabalho foi recompensado.

Silney Siqueira, responsável pela beleza e cuidado da encenação, não saiu da cabine de luz, sorria alegre depois de cada ato e ia aos poucos se refazendo da estafa e também do receio da nova experiência. Era a primeira vez que ele dirigia uma ópera e provou de maneira categórica que a ópera no Brasil só não morrerá se for entregue à gente de teatro para sua montagem. Silney transformou os cantores em artistas, deu uma dinâmica visual extraordinária, embora simples, ao espetáculo e foi o maior responsável pelo êxito da recita. Suas soluções cênicas, auxiliadas pelas ideias cenográficas de Geraldo Juergensen, transformaram *O Guarani* num espetáculo não só auditivo, mas também visual, e fizeram com que fossem supera-

das todas as eventuais falhas vocais dos cantores.

A ópera se transforma hoje em todo mundo e não é mais uma exibição de dotes vocais como foi por algum tempo. Houve época em que se ia ao teatro lírico para medir os agudos da primadona, que muitas vezes pe-

sava cem quilos. Com o desenvolvimento do cinema, da televisão e do próprio teatro falado, não era mais possível admitir-se a montagem de uma ópera em termos tradicionais. Com acuidade e inteligência, o prefeito Orestes Quercia, um moço de trinta anos e seus assessores Eugenio José Alati, secretário da Educação e Cultura e José Alexandre dos Santos Ribeiro, diretor do Departamento Municipal de Cultura, os dois também de trinta anos, perceberam que se tinha que dar uma interpretação moderna à ópera de Carlos Gomes e organizaram um espetáculo sério, digno e plasticamente admirável.

Um dado importante da montagem é que a maior parte dos cantores é quase totalmente desconhecida, quase todos amadores que ficaram durante seis meses estudando suas partes. Não há no elenco do *Guarani* montado em Campinas nenhuma voz extraordinária, não há nenhuma estrela, não há cantores com dotes excepcionais, mas há nesse elenco uma homogeneidade excepcional, simpática, um esforço para fazer um espetáculo decente que mereceu o aplauso irrestrito das mil e tantas pessoas que estiveram na estreia e que por certo será dado também pelo público que assistirá as outras representações marcadas para os dias 23, 27 e 31.

Quando o espetáculo de anteontem terminou, uma senhora comentou na plateia: "Agora, até daqui a cem anos", aludindo, com uma mentalidade viciada pela inércia da maior parte de nossos dirigentes com relação à arte, ao fato de que provavelmente só no bicentenario de Carlos Gomes ele será novamente condignamente lembrado. O diretor do Departamento Municipal de Cultura, comentando a frase da espectadora garantiu: "Estamos trabalhando para que nos próximos espetáculos, o público possa dizer convicto: até amanhã".

Biblioteca Centro de Memória - Unicamp



CMUHE010076